

João Baptista de Mello e Souza é irmão de Malba Tahan, ao contrário do irmão mundialmente reconhecido, J B (como ficou conhecido no mundo das letras) ainda é um ilustre desconhecido dos leitores brasileiros, mas deixou uma obra relevante para as cidades cortadas pelo rio Paraíba do Sul e para os alunos do antigo Colégio Pedro II.

#### J B DE MELLO E SOUZA - O CRONISTA DO RIO PARAÍBA DO SUL

“Não quero que haja a mínima conversa:  
Declaro em frase firme, e pura, e tersa:  
\_ “Naci mêmo em Queluis... e cabô buia.”  
Cabô Buia

J. Meluza<sup>1</sup>

Iniciando o livro *Sete Lendas de Amor e outras poesias* (1959), no tempo da reflexiva maturidade, o menino de Queluz reafirmou seu amor pela terra onde nasceu. Os versos que abrem este texto são a delicada demonstração de respeito ao ser valeparaibano, nas lembranças do homem que eternizou sua terra e sua gente em sua obra. João Baptista de Mello e Souza nasceu em Queluz, histórica cidade do estado de São Paulo, em 28 de maio de 1888, ainda em tempo das comemorações pela assinatura da Lei Áurea. Filho de um casal de professores, toda sua instrução primária ficou a cargo de sua mãe que lecionava e dirigia uma escola primária em seu próprio lar, prática necessária nas pequenas cidades do interior paulista de então.

A próspera vida familiar vai encontrar desafios com o declínio econômico das fazendas de café do hoje Vale Histórico, sem alunos a contento, o casal Mello e Souza precisou fechar as portas de seu colégio e buscar oportunidade no Rio de Janeiro onde João de Deus teria possibilidade de trabalho no Ministério da Justiça. A despedida de Queluz e do rio Paraíba do Sul é sentida com profunda tristeza pelo menino João Baptista, descrita décadas depois em *Meninos de Queluz* (1949). Também na capital do Brasil as dificuldades não foram poucas e a família acabou por retornar a Queluz, onde Sinhá volta a atuar como professora, e, João de Deus permanece no Rio de Janeiro vindo ter com a família nas folgas e feriados, fato que João Baptista sempre se recordaria.

A separação da menina far-se-á na busca do saber, aos poucos, o rio Paraíba, de amigo íntimo, foi se tornando a presença que trazia saudade. João Baptista fez prova para ingressar no Ginásio Nacional (Colégio Pedro II), interno o aluno, apaixonado o mestre. Sua vida no tradicional colégio está relatada no livro *Estudantes do Meu Tempo: crônicas do antigo Colégio Pedro II* (1943).

Característica do primeiro quartel do século XX, políticos, escritores e professores tinham o perfil de saberem de tudo um tanto. As conversas nos saraus eram animadas e os assuntos os mais diversos possíveis. Na obra *Carcassas Gloriosas* (1937) de Agrippino Grieco (1888- 1973) fica evidente este perfil em nossos intelectuais. João Baptista de Mello e Souza também teve na forja de seu intelecto esta batida.

Na vida cheia de afazeres reservou espaço para duas paixões: o Esperanto e o Escotismo. Durante o Congresso Universal com a presença de Zamenhof <sup>2</sup> (1859-1917), recebeu o 1º prêmio de poesia. Em Oslo, representando o Brasil, também teve primeiro lugar pela brilhante participação. Em relação ao Escotismo, foi presidente da Federação Brasileira dos escoteiros do mar e, segundo consta, durante o período de sua atuação a instituição chegou a ter mais de cem barcos em intensa atividade.

#### TEMPOS DE ESTUDANTE

J B de Mello e Souza nasceu para a Educação e a ela se entregará com generosidade, afincos e competência. Em 1900, ingressou no então Ginásio Nacional, o tradicional Colégio Pedro II. Em seu tempo de estudante, o colégio ostentava aquele nome em detrimento deste devido à novidade da República. Em 1903, João Baptista era aluno da turma da 4ª série do internato. Neste colégio fez o curso integral de Humanidades e, em 1905, recebeu o título de bacharel em Ciências e Letras.

Em depoimento de Luiz Pinheiro Guimarães<sup>3</sup>, o jovem estudante deixou neste a impressão registrada “de maneiras simples, comedido, revelando certa timidez provinciana, gostava de versar, principalmente, assuntos históricos e literários. Acima do tipo meão, bem proporcionado, moreno, guardava natural compostura”.<sup>4</sup> Formado, lapidou o talento que carregaria consigo por toda vida para a História e a Literatura. Estudaria muito ainda, formando-se também em Ciências Jurídicas na então Faculdade de Direito da Universidade do Brasil. Nesta época já era professor da antiga Escola Normal, depois Instituto de Educação.

A literatura, a música, o teatro eram temas recorrentes no lar que educou Júlio César de Mello e Souza (Malba Tahan) e seu irmão João Baptista de Mello e Souza (J B de Mello e Souza, e, ainda, J. Meluza). A inclinação para a Arte se manifestou muito cedo quando ainda era estudante, veja que “as

canções infantis que compôs, então, para as meninazinhas da escola rural que sua mãe dirigia, facultaram sua estréia literária e pedagógica.”<sup>5</sup> e o mesmo aluno foi o redator principal dos manuscritos ‘Vida de Hoje’ e ‘Ginasíadas’<sup>6</sup>, onde sua veia crítica já se apresentava, retratando o cotidiano dos estudantes e seus mestres.

Em seu livro *Estudantes do Meu Tempo: crônicas do antigo Colégio Pedro II* (1943), o autor explorou suas lembranças estudantis, com a ajuda dos exemplares dos jornais que fazia com a colaboração dos colegas. O “órgão literário e noticioso”, subtítulo de “Vida de Hoje”, possibilitava comentários do cotidiano escolar, não escapando mestres, colegas e funcionários. Segundo o autor: “claro que a “Vida de Hoje” era um jornal clandestino... O regimento do Colégio, naquele tempo, proibia a elaboração de órgãos da imprensa colegial”.

#### O PROFESSOR MELLO E SOUZA

O início da carreira do professor Mello e Souza se deu no “Colégio São Paulo fundado por sua mãe, D. Carolina Mello e Souza, em Copacabana, aos 17 de março de 1914. Com seus irmãos Júlio César e Néelson Carlos.”<sup>7</sup> Em 1917, foi nomeado, por concurso, professor de História Geral e do Brasil da antiga Escola Normal do então Distrito Federal. O professor Mello e Souza era portador de sólida cultura clássica, e consta que para admiração dos colegas educadores “dirigindo o Instituto de Educação, entrava em qualquer sala onde se verificasse a falta do professor, e ali dava uma aula sôbre qualquer tema de letras ou ciências sociais em que as alunas quisessem ouvi-lo (*sic*).”<sup>8</sup> O professor erudito fez parte da Sociedade de Geografia e da Academia Carioca de Letras.

O professor se torna figura constante nas histórias de seus alunos, apreciado a ponto de deixarem um jogo de futebol, em maio de 1951, na Quinta da Boa Vista, para voltarem correndo a fim de assistirem sua aula, no casarão da Rua Larga. O jornalista, historiador, tradutor, funcionário público, compositor e escritor sempre estiveram a serviço do professor Mello e Souza.

#### O ESCRITOR J B DE MELLO E SOUZA

A estreia no mundo das letras confirma a que veio o jovem João Baptista. Iniciou sua obra com *Canções da Escola e do Lar* (1926), assinando-o como J B de Mello e Souza, um trabalho literário e pedagógico anunciando que jamais se separariam, no menino de Queluz, o Ensino, a Música e a Literatura. Professor e escritor eram indissociáveis. O professor tornar-se-á autor de ampla produção literária que abrangeu contos, novelas, poesias, crônicas, traduções de obras clássicas, livros didáticos, monografias e teses como *A Idéia da Independência na América* e *O Ensino da História na Formação do Caráter* (1925).

Sempre necessitando auxiliar nas despesas da família numerosa, de acordo com Sylvio Terra:

foi pela mão do “Quincas”, um velho tio solteirão muito estimado nas rodas jornalísticas, que João Baptista Mello e Souza entrou para imprensa: empregado na repência do “Jornal do Brasil”, o tio não teve muitas dificuldades, então, para colocar o rapazola na revisão do matutino, onde o jovem fez jus ao seu primeiro ordenado na profissão.<sup>9</sup>

As publicações foram assinadas por J. Meluza, pseudônimo que resgataria, anos mais tarde, no livro *Sete Lendas de Amor e outras poesias* (1959). J. Meluza publicou em alguns periódicos do interior, mas também teve sua assinatura em jornais mais abrangentes como *O Imparcial*.

Em novembro de 1949, a Editora Saraiva, através da Coleção Saraiva, sob o volume número 17, publicou *Majupira – Romance Brasileiro da Atualidade (1930-1934)*, a primeira edição do livro saíra anos antes – através da Editora Pongeti, em 1938. A coleção Saraiva publicava obras brasileiras e internacionais, geralmente de autores consagrados divulgando que o interesse era o de estimular os autores brasileiros difundindo obras de espírito nacional; tendo publicado Pedro Calmon, Paulo Setúbal, Ciro dos Anjos, Galeão Coutinho, Menotti Del Picchia, Lucia Miguel Pereira, Malba Tahan e Orígenes Lessa, entre outros.

Em *Majupira* (1938), uma galeria de personagens como: Coronel José Alves, chefe político da região, um tipo ignorante e retrógrado; a professora rival da jovem Maria Julia, Elvira; o agente de correio Jarbas Feitosa; o agente da estação Genelício; Lucinha Freire; Afonso; Guaraciab; Carlota Silvino; Marcelo e; Glorinha, entre outros, desenrolam o enredo que para os idos da década de 1930 foi considerado movimentado, atraente, repleto de sentimentos patrióticos e com toques de romantismo; é evidente a intenção do autor de educar, o patriotismo e o sentimento cristão são onipresentes:

A pintura do lugarejo do interior, com suas intrigas e sua vida próxima da natureza, é bem realizada. E é preciso proclamar o êxito completo do romance na sua missão preponderante que é a de inspirar bons sentimentos e de comover profundamente.<sup>10</sup>

*Estudantes do Meu Tempo: crônicas do antigo Colégio Pedro II* (1943), foi escrito a partir das memórias do estudante quando convidado pelos alunos para relatar semanalmente crônicas em um programa da rádio PRA-2, do Ministério da Educação, na “Hora do Estudante”. O mestre acertou com os alunos que contaria pequenos episódios do seu tempo de estudante no Colégio Pedro II. Durante três meses assim o fez e ao passar do tempo amigos e ex-colegas de estudo o impeliram a reunir as crônicas em um livro, nascendo a obra.

O tradutor J B de Mello e Souza explorou profundamente a literatura grega, Othon Costa <sup>11</sup> afirmou que ‘João Baptista, é, por igual, um consumado helenista, que muito contribuiu para valorizar a coleção “Clássicos Jackson”, Editora W. M. Jackson, com sua tradução, precedida de erudito estudo, de algumas das obras mais famosas do teatro grego’ <sup>12</sup>. Anos mais tarde, colocaria seu apreço aos Estados Unidos da América com *A Sombra do Bambual: Comédia de Costumes Norte-Americanos* (1955) e *O Homem Sem Pátria* (1963).

J B de Mello e Souza continuou no rol da Coleção Saraiva. Talvez por influência do irmão Malba Tahan, ele tenha publicado o livro *Histórias Famosas do Velho Mundo* (1966), sob o número 211 da mencionada coleção, uma coletânea do fabulário europeu adaptada. Convicto admirador da Índia e da Pérsia publicou *Sacuntala de Calidasa* (s/d) pela Ediouro que também publicará uma separata destas obras em *Lendas Medievais* (s/d). Meticuloso, o autor chegou a estudar grego na ânsia de um trabalho mais profundo.

Em *Meninos de Queluz* (1949), o escritor revela o cotidiano de sua família desde o terceiro quartel do século XIX, na cidade de Queluz - SP. O livro recebeu o prêmio “Joaquim Nabuco”, da Academia Brasileira de Letras, em 1948. Com o subtítulo: Crônicas de Saudade. *Meninos de Queluz* (1949) é ainda referência constante nos estudos sobre Malba Tahan, o que em muito já possibilita o “fungo de raridade” ao trabalho de J B de Mello e Souza, pois possibilitou aos estudiosos e apreciadores da obra de Júlio César de Mello e Souza informações sobre sua infância.

A literatura tinha o mesmo espaço e peso das brincadeiras, proporcionava-lhe o mesmo prazer, afirmou em *Meninos de Queluz* (1949) que seus passatempos eram a leitura e os devaneios puro e simples. Seu diálogo com as letras; o interesse nos enredos de romances; a submersão a ponto de gesticular, chamava a atenção das meninas na casa. Companheiro deste apreciar está o rio:

Muito devo a essas leituras temperadas pelo marulhar do rio de minha terra. Devorei romances extensos, de Richebourg e Sue; delíciei-me com Daudel e Guy de Maupassant; comparei Alencar com Macedo, Júlio Diniz com Eça de Queiroz. Não me agradou o “Guarani”, de Alencar; achei trágico e inverossímil o desfecho. Só mais tarde a “Iracema” conseguiu reconciliar-me com o escritor cearense (Ibidem, p. 48).

É fato na obra de J B de Mello e Souza que o autor “prefere a verdade histórica, sem prejuízo de sua admirável e comprovada vocação poética”.<sup>13</sup> Em *Histórias do Rio Paraíba* (1951) enveredou pelas lendas percorrendo sobre fatos históricos com natural elegância e propriedade que o leitor acompanha sem os sacolejos do trem do tempo. Sua vida no Vale do Paraíba não foi inocente, encarregou-se das raridades do cotidiano e com poesia contou o que viu, o que ouviu, o que viveu e, talvez, o que desejasse ter vivido. Um patrimônio para o valeparaibano, esta obra preservou para a contemporaneidade histórias que receberam novas nuances com o tempo, algumas poucas histórias conhecidas e tantas outras que já se perdem na memória deste Vale do rio Paraíba do Sul. *Histórias do Rio Paraíba* (1951) é uma declaração intensa de amor ao rio: “É a meu velho amigo Paraíba, ao rio de minha terra, que eu dedico estas crônicas.” ((MELLO E SOUZA, 1969, p. 03).

Compondo suas crônicas, o autor familiariza o leitor com intelectuais, políticos e personalidades que fizeram parte da História do Vale do Paraíba e do Brasil; com o cotidiano da Educação na região, no final de século XIX e início de século XX; com seu método de coletar e registrar as informações, a exemplo dos empréstimos dos documentos da paróquia para copiar dados; com um requintado humor quanto a “Um problema de Tatulogia”.

É sempre o rio Paraíba o personagem relevante, o coadjuvante, o cenário, a motivação... “O Paraíba não foi para mim uma divindade, como o Nilo dos egípcios, nem um gigante turbulento como o Aqueleus dos gregos, nem um depositário de ouro como o Reno dos germanos. Foi um companheiro e um amigo: nada mais” (MELLO E SOUZA, 1949, p. 06). Nada mais? O rio Paraíba do Sul se tornou a máquina do tempo que nos une aos idos da infância e mocidade do autor (e para bem antes). No atual contexto, em que se busca o reconhecimento dos patrimônios material e imaterial, o cabedal de conhecimento de vivências há muito distantes de nossos dias, o rio cumpre mais um destino, o de nos conduzir às lembranças de sua biografia, quando as páginas começam a findar ouve-se o grito do tempo: “Vorte quem tem Fé” e o leitor entende o que há muito foi dito: “Quem quer que, de futuro, se disponha a escrever a história do rio Paraíba há de lembrar-se, necessariamente, desse brilhante escritor que o evocou com tanta ternura.” <sup>14</sup>

NOTAS:

- <sup>1</sup> MELUZA, J. *Sete Lendas de Amor e outras poesias*. Editora Companhia Brasileira de Artes Gráficas. Rio de Janeiro- RJ, 1959, p.06.
- <sup>2</sup> Criador do Esperanto e por ele divulgado, em 1887, como a língua auxiliar de comunicação internacional, o primeiro congresso internacional relativo ao tema aconteceu em 1905.
- <sup>3</sup> Luiz Pinheiro Guimarães era vizinho e médico da família de uma irmã casada, de JB, esta irmã residia em Botafogo, à Rua Sorocaba, no tempo de estudante do escritor.
- <sup>4</sup> GUIMARÃES, Luiz Pinheiro. O Professor J. B. Mello e Souza in *O Professor do Nosso Tempo – 80º Aniversário do Professor João Baptista Mello e Souza (28-5-1968)*, Rio de Janeiro - RJ, GB, p. 08.
- <sup>5</sup> Ibidem, p. 09.
- <sup>6</sup> Idem.
- <sup>7</sup> ACCIOLI, Roberto. Mello e Souza, Historiador in *O Professor do Nosso Tempo – 80º Aniversário do Professor João Baptista Mello e Souza (28-5-1968)*, Rio de Janeiro - RJ, GB, p.34.
- <sup>8</sup> GUIMARÃES, Luiz Pinheiro. O Professor J. B. Mello e Souza in *O Professor do Nosso Tempo – 80º Aniversário do Professor João Baptista Mello e Souza (28-5-1968)*, Rio de Janeiro - RJ, GB, p.11.
- <sup>9</sup> TERRA, Sylvio. J. Meluza, o Jornalista in *O Professor do Nosso Tempo – 80º Aniversário do Professor João Baptista Mello e Souza (28-5-1968)*, Rio de Janeiro- RJ, GB, p.36.
- <sup>10</sup> Texto atribuído ao jornal O Globo, consta da apresentação do livro em questão.
- <sup>11</sup> Othon Costa, ex-presidente da Academia Carioca de Letras.
- <sup>12</sup> COSTA, Othon. Do Paraíba ao Aqueleus in *O Professor do Nosso Tempo – 80º Aniversário do Professor João Baptista Mello e Souza (28-5-1968)*, Rio de Janeiro - RJ, GB, p.28.
- <sup>13</sup> COSTA, Othon. Do Paraíba ao Aqueleus in *O Professor do Nosso Tempo – 80º Aniversário do Professor João Baptista Mello e Souza (28-5-1968)*, Rio de Janeiro - RJ, GB, p.27.
- <sup>14</sup> COSTA, Othon. Do Paraíba ao Aqueleus in *O Professor do Nosso Tempo – 80º Aniversário do Professor João Baptista Mello e Souza (28-5-1968)*, Rio de Janeiro - RJ, GB, p.29.

REFERÊNCIAS:

MELLO E SOUZA, J B. *Histórias do Rio Paraíba: lendas, tradições e casos colhidos nas cidades e povoações banhadas pelo rio Paraíba do Sul*. 2ª edição, São Paulo- SP: Editora Saraiva S/A, 1969.  
\_\_\_\_\_. *Majupira – Romance Brasileiro da Atualidade (1930-1934)*. 2ª edição, São Paulo – SP: Editora Saraiva S/A, 1949.  
\_\_\_\_\_. *Os Meninos de Queluz*. Rio de Janeiro – RJ: Editora Aurora, 1949.  
\_\_\_\_\_. *Estudantes do Meu Tempo*. 2ª edição, Rio de Janeiro – RJ: Oficinas Gráficas do Internato do Colégio Pedro II, 1958.

MELUZA, J. *Sete Lendas de Amor e outras poesias*. Rio de Janeiro- RJ: Editora Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1959.  
Publicação Comemorativa organizada pela Prefeitura Municipal para o Centenário do Município de Queluz: 1842-1942. Queluz, Estado de S. Paulo, 1942.  
*O Professor do Nosso Tempo – 80º Aniversário do Professor João Baptista Mello e Souza (28-5-1968)*, Rio de Janeiro - RJ, GB.

**Sônia Maria da Silva Gabriel** é pesquisadora e professora de Sociologia e História. Bacharel e licenciada em Ciências Sociais e História. Especialista em Gestão da Qualidade do Processo Pedagógico. Membro do Instituto de Estudos Valeparaibanos e do Instituto Ecocultura de Educação Patrimonial.